

O desenvolvimento do conhecimento sobre o “outro” e o ofício do antropólogo

4 Técnicas, materiais e procedimentos empregados na pesquisa antropológica



Início de conversa

Aqui serão apresentados alguns recursos técnicos empregados no trabalho de campo e os instrumentos por meio dos quais são colhidas informações nos diferentes cenários em que o antropólogo desenvolve as suas investigações, além de algumas considerações a respeito das dificuldades típicas do trabalho em campo e da elaboração do plano de pesquisa.

Mãos à obra

TÓPICO 1 O uso do gravador e de filmadoras

O uso de gravador, máquinas fotográficas e filmadoras é de grande valia para o antropólogo. Há até mesmo uma especialidade, conhecida como Antropologia Visual, que se atém à requintada arte de produzir e interpretar conteúdos imagéticos. Entretanto, é preciso ter em mente que muitos dos grupos indígenas manifestam aversão às próprias imagens, seja por temerem que suas “almas” possam ficar retidas no filme ou na máquina, seja porque, para eles, algumas coisas devem ser relegadas ao esquecimento (os mortos e seus pertences, por exemplo), pois representam perigos e se revestem de tabu. Entretanto, às vezes as filmagens são aceitas e valorizadas, pois se convertem em meios de preservar os saberes dos mais velhos e acabam sendo utilizadas como ferramenta política na relação com o entorno, verdadeiros instrumentos de construção e reafirmação de identidade étnica para os mais jovens (NEVES, 2011).



O gravador costuma inibir até mesmo entrevistados mais desenvoltos, e em algumas situações pode despertar o temor de que as suas falas gravadas venham a criar-lhes dificuldades e embaraços. Por isso, o gravador não deve ser utilizado nas fases iniciais da pesquisa, mas somente depois de estabelecidos vínculos de confiança entre o antropólogo e os sujeitos investigados. Não são poucos os casos em que o antropólogo recém-chegado foi identificado como fiscal, agente policial infiltrado, “olheiro” de fazendeiros e empresários etc.

Convém que o pesquisador realize algumas simulações antes de dar início à gravação propriamente dita, gravando pequenos trechos de falas ou conversas e reproduzindo-os imediatamente, de modo que os entrevistados possam ouvir a própria voz, o que contribui para que superem seus constrangimentos e receios.

Encerrada a pesquisa, é melhor que o próprio antropólogo se ocupe da transcrição das fitas, pois apenas ele poderá evocar os gestos, as expressões fisionômicas e corporais, repletas de expressões emocionais, além de outras pistas fornecidas pelo entrevistado, de modo que não se percam informações valiosas para a interpretação do material recolhido.

Conseguem-se boas entrevistas gravadas com a ajuda de um roteiro sucinto, bem estruturado e organizado, contendo as questões mais relevantes para o pesquisador. Todavia, tanto o roteiro quanto o entrevistador devem ser flexíveis, pois somente assim o entrevistado se sentirá à vontade e respeitado, mesmo que suas considerações se afastem das indagações que lhes são formuladas. Às vezes, as entrevistas mais ricas são justamente aquelas em que o entrevistado se afasta do tema central consignado no roteiro.

Em alguns casos e determinadas situações, não se deve abordar diretamente certos temas ou determinadas categorias de pessoas, como os enlutados, e, sendo o pesquisador do sexo masculino, tampouco as mulheres, caso os costumes mantenham-nas afastadas de contatos com homens que não sejam os seus companheiros ou parentes próximos. Certas indagações, como perguntas relativas à vida sexual, práticas abortivas, feitiçaria etc. poderão constranger os informantes. Portanto, o antropólogo deve agir de maneira cautelosa, respeitando os costumes e as interdições do grupo estudado, procurando não incomodar os seus sujeitos.



Quando o pesquisador tem acesso às sociedades indígenas, é porque esses grupos já se encontram em contato pacífico com a sociedade nacional. Isso significa que o antropólogo encontra pela frente agrupamentos mais ou menos desestruturados, e não é incomum que identifique problemas decorrentes do contato com o mundo dos brancos. Já foi dito, não sem razão, que o antropólogo investiga “cadáveres de sociedades”, ou seja, formações sociais afetadas e comprometidas (no tocante à demografia, às trocas matrimoniais, à prostituição de mulheres indígenas, ao alcoolismo, à usurpação do território tribal, à exploração da mão de obra indígena, às alterações ecológicas etc.) pelo contato interétnico. Por isso, o foco da investigação estará dirigido exatamente para esses problemas, os mais relevantes e urgentes para a população investigada.

TÓPICO 2 Plano de pesquisa e técnicas adotadas



Para não perder a riqueza das informações que as prolongadas permanências em campo ensejam, o antropólogo costuma produzir um "diário de campo", ou seja, um registro minucioso de todas as suas observações e impressões colhidas no dia a dia, de modo que nenhum detalhe fique sem registro, embora nem sempre seja possível saber, de antemão, que informações futuramente poderão ser mais ou menos valiosas para a elaboração do relatório final da pesquisa. "Se, durante a nossa ronda diária pela aldeia, observarmos que pequenos incidentes, formas características de alimentação, de conversa, de trabalho, ocorrerem repetidas vezes, devemos anotá-los imediatamente", porque algumas peculiaridades sutis deixam de ser percebidas quando se tornam familiares (MALINOWSKI, 1986: 44).

O diário de campo deve incluir dados pertinentes às cerimônias mais elaboradas, como também descrições pormenorizadas a respeito de construção de habitações, atividades produtivas, divisão e jornada de trabalho, fofocas, brincadeiras infantis, cantos, relatos míticos, danças, ornamentos e pinturas corporais, sistemas de trocas e parentesco, genealogias, confecção de artefatos, nascimentos, ritos fúnebres, preparo e partilha de alimentos, ambiente natural, contatos e conflitos com outros grupos e "civilizados" etc.

A investigação em antropologia, como em qualquer outro campo do conhecimento, depende da elaboração de um projeto de pesquisa coerente, do qual devem constar o tema do estudo, a sua relevância para a área de conhecimento à qual se filia, as suas possíveis contribuições teóricas e práticas, a revisão da bibliografia especializada pertinente ao tema eleito, o aparato teórico e conceitual adotado, as delimitações geográfica e cronológica adotadas e seus respectivos critérios (o chamado "recorte"), o problema de pesquisa (sob forma interrogativa), as hipóteses correspondentes ao problema (sob forma afirmativa, isto é, respostas antecipadas, a serem confirmadas ou infirmadas no andamento da investigação), as fontes de dados previstas, os instrumentos e as técnicas que serão empregados para a coleta de informações (observação participante, questionários, formulários, estudo de caso, história de vida etc.), além do cronograma, do orçamento estimado e da bibliografia utilizada na elaboração do projeto.

Sem ter em mãos um plano de pesquisa maduro e bem elaborado, tornam-se escassas as chances de se obter financiamento para realizá-la satisfatoriamente, pois o trabalho de campo, mesmo no seio da própria sociedade do estudioso, envolve expressivas despesas com passagens, combustível, aluguel de veículos, estadias, aquisição de *notebooks*, gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras, compra de filmes para esses equipamentos e a posterior revelação das imagens capturadas, remuneração de serviços especializados prestados por terceiros, gastos com a aquisição de livros e xerocópias etc.

TÓPICO 3 O ofício do antropólogo e suas dificuldades

O ofício do antropólogo envolve muitas gratificações, proporcionando oportunidades de viagens, contato com novas paisagens, ampliação dos vínculos de amizades, aprendizado do significado e da lógica de comportamentos e costumes aparentemente estranhos e incompreensíveis por meio da participação na vida quotidiana de outros povos, o que não o desobriga de enfrentar tarefas e situações desconfortáveis, árduas e extenuantes. No contexto brasileiro, não se pode esquecer dos demorados trâmites burocráticos que envolvem a obtenção de autorização expedida pela Funai para ingresso e permanência nas reservas indígenas. Em alguns casos, o pesquisador poderá se transferir para uma região de conflitos entre índios e brancos, ou, então, permanecer em áreas relativamente isoladas, de difícil acesso e desprovidas de meios satisfatórios de transporte, correndo ainda o risco de contrair doenças endêmicas, como é o caso da malária.

Roberto Da Matta (1981: 143) destaca a solidão existencial que costuma afetar o antropólogo, afastado de sua cultura em suas prolongadas permanências em campo, “tendo, portanto, de ajustar-se, na sua observação participante, não somente a novos valores e ideologias, mas a todos os aspectos práticos que tais mudanças demandam”. Para Da Matta, a iniciação do antropólogo no trabalho de campo equivale a um ritual de passagem, envolvendo os seus três clássicos estágios: “morte” (ou separação, quando o antropólogo deixa a sua sociedade), “liminaridade” (ou período de margem, quando se torna socialmente invisível, individualizado, isolado, situado além do seu mundo diário, no mundo do “outro”, contando, muitas vezes, apenas com os seus próprios recursos) e “ressurreição” (ou reintegração, quando renasce socialmente, retornando, “remoldado”, à sociedade de origem depois do isolamento no período de margem). O trabalho de campo implica, pois, “um exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isto, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele” (DA MATTA, 1991: 152-153).

O antropólogo pode também depender da boa vontade de informantes nativos e da generosidade de seus sujeitos para se alimentar e se deslocar. Em algumas situações, vê-se obrigado a remunerar seus informantes, pois os afasta da obtenção regular de alimentos, por exemplo. Como não deixa de ser um estranho, sua presença às vezes suscita reações negativas, notadamente quando formula perguntas incômodas. E não é raro o pesquisador se sentir solitário nas áreas de pesquisa mais isoladas, sem acesso aos confortos da vida urbana. “Tive períodos de desalento, quando então mergulhava na leitura de romances, do mesmo modo que, em uma crise de depressão e tédio tropical, alguém se entrega à bebida”, confessa Malinowski (1986: 27-28).

As investigações empreendidas no âmbito de sociedades complexas – estudo de populações camponesas, “tribos” urbanas, comunidades faveladas, torcidas organizadas, população carcerária etc. – impõem



diversas outras dificuldades ao antropólogo, que poderá se defrontar com ameaças anunciadas por traficantes e gangues armadas, percorrer cenários em que os conflitos se resolvem por meio da violência, superar a desconfiança inicial de seus sujeitos pesquisados e resistir a pressões movidas por interesses políticos e policiais. Em outras situações, deverá preservar o sigilo de suas fontes, entrevistados e informantes.

Em determinadas circunstâncias – por exemplo, nas investigações que envolvem, direta ou indiretamente, facções criminosas ou consumidores de drogas ilegais –, o pesquisador sequer poderá identificar os seus sujeitos (ou mencionar os seus verdadeiros nomes nos relatórios) no “termo de consentimento”, pois esse documento, exigido pelos comitês de ética, periódicos e agências de financiadoras da pesquisa, poderia expô-los à autoridade policial ou grupos inimigos.



Agora que terminamos a leitura do Tema 4, vamos acessar a Aulaweb para revisar e aprofundar nossos conhecimentos por meio de vídeos, exercícios e autotestes, entre outros.

RedeFor

Referências bibliográficas

- A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, [s.d.].
- BOAS, Franz. *Race, language and culture*. New York: The Free Press; London: Collier-Macmillan, 1966.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUSSAB, Vera Silvia Raad; RIBEIRO, Fernando Leite. Biologicamente cultural. In: *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas. In: *Guerra, religião e poder*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. *La société contre L'État: recherches de anthropologie politique*. Paris: De Minuit, 1974.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1981.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Introdução. In: *Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais, 55)
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FROTA-PESSOA, Oswaldo. Quem tem medo da eugenia? In: SCHWARCZ, Lilia M.; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida de Itá, Amazonas*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação da culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. A transição para a humanidade. In: TAX, Sol (Org.). *Panorama da antropologia*. Brasil/Portugal: Fundo de Cultura, [s.d.].
- HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- LANNA, Amadeu D. *Economia e sociedades tribais do Brasil: uma contribuição ao estudo das estruturas de trocas*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- LECLERC, Gerard. *Crítica da antropologia: ensaio acerca da história do africanismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.
- LEIRIS, Michel. *Race et civilisation*. Paris: Unesco, 1951.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: *Raça e ciência (I)*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- LINTON, Ralph. *O homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). *Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986 (Grandes Cientistas Sociais, 55)

- MARX, Karl. Formas que preceden a la producción capitalista. In: _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política* (Borrador, 1857/1858. v. 1). Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1971.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. v. 1.
- _____. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974, v. 1.
- MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. Brasília: Coordenada/Editora de Brasília, 1972.
- MERCIER, Paul. *Historia de la antropología*. Barcelona: Ediciones Pensinsula, 1969.
- MORGAN, Lewis H. *A sociedade primitiva (II)*. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- MORRIS, Desmond. *O contrato animal*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- MOURA, Margarida Maria. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec, 2004..
- NEVES, André Luís Lopes. *Registro audiovisual nos Manoki: entre o tabu e a salvaguarda*. São Paulo: USP, 2011. (Texto inédito, encaminhado para publicação)
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. In: _____. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. A aldeia bororo. In: _____. (Org.). *Habitações indígenas*. São Paulo: Edusp/Nobel, 1983.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. In: *Anuário Antropológico/84*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- POIRIER, Jean. *História da etnologia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981.
- QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: _____. (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac, 2000.
- _____. *Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica*. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. *Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito*. São Paulo: Moderna, 1995.
- _____. O último vínculo: "moradores de rua" e seus cães na cidade de São Paulo. In: MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; RALL, Vânia (Org.). *Reflexões sobre a intolerância: direitos dos animais*. São Paulo: Humanitas, 2010.
- _____. *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o saci*. São Paulo: Polis, 1987.
- REBOUÇAS, Lúcia Marcelino. *O planejado e o vivido: os projetos de reassentamento da CESP no Pontal do Paranapanema*. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2000.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- SAHLINS, Marshall D. *Âge de pierre, âge d'abondance: l'économie des sociétés primitives*. Paris: Gallimard, 1976.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- VIGARELLO, Georges. *O sujo e o limpo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIERTLER, Renate B. A beleza do corpo entre os índios brasileiros. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac, 2000.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WOORTMAN, Ellen. O sítio camponês. In: *Anuário antropológico/81*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

